

TINTA ^{DA} CHINA

*hoje
soube-me
a pouco*



© 2024, MAAT — MUSEU DE ARTE,
ARQUITETURA E TECNOLOGIA
Av. Brasília, Belém, 1300-598 Lisboa
+351 210 028 130
maat@edp.pt
maat.pt

© 2024, EDIÇÕES TINTA-DA-CHINA, LDA
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 - E. 10
1750-149 Lisboa
+351 21 726 90 28
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pto

TÍTULO: *Hoje soube-me a pouco.*
Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril
ORGANIZAÇÃO: Afonso Dias Ramos
CURADORIA: João Pinharanda e Sérgio Mah (MAAT)
TEXTOS: Afonso Dias Ramos, Alexandre Melo,
Filomena Silvano, Golgona Anghel, João Pinharanda
e Sérgio Mah, José Miranda Justo, Manuel Bogalheiro,
Pedro Levi Bismarck, Teresa Castro
FOTOGRAFIA: Bruno Lopes
COORDENAÇÃO: Nuno Ferreira de Carvalho (MAAT)
REVISÃO: Tinta-da-china
COMPOSIÇÃO E CAPA: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª EDIÇÃO: Junho de 2024

ISBN 978-989-671-862-6
DEPÓSITO LEGAL N.º 533637/24

Hoje soube-me a pouco

*Introversões e utopias artísticas
no pós-25 de Abril*

organização

AFONSO DIAS RAMOS

curadoria

JOÃO PINHARANDA E SÉRGIO MAH

textos

AFONSO DIAS RAMOS, ALEXANDRE MELO,
FILOMENA SILVANO, GOLGONA ANGHEL,
JOÃO PINHARANDA E SÉRGIO MAH,
JOSÉ MIRANDA JUSTO, MANUEL BOGALHEIRO,
PEDRO LEVI BISMARCK, TERESA CASTRO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA & MAAT
MMXXIV

Editado a propósito da exposição *Hoje soube-me a pouco. Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril*, comissariada por João Pinharanda e Sérgio Mah no MAAT — Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, por ocasião do quinquagésimo aniversário da Revolução de Abril, este livro nasceu de forma autónoma a partir de um repto lançado a oito investigadores de diversas áreas e gerações para redigirem um pequeno ensaio livre e evocativo. Para além de um enquadramento curatorial da exposição, que serve de apresentação introdutória, cada uma destas entradas, como gestos soltos, procura contrariar a lógica do resumo ou a recapitulação comemorativa que vêm saturando as estantes nos últimos meses. Evitando desta forma as visões de conjunto e os balanços gerais, trocou-se a perspectiva macroscópica pelo prisma fragmentário, convidando os investigadores a focarem um elemento ou momento particular da vida política, social e cultural de Portugal do último meio século, elegendo uma imagem, um objecto, um episódio, uma passagem, uma obra ou um conceito que possa indiciar transformações mais amplas e fundas, conjugando a filosofia e as artes, a arquitectura e a moda, ou a ecologia e o feminismo.

AFONSO DIAS RAMOS

índice

UMA IRRUPÇÃO — <i>João Pinharanda e Sérgio Mah</i>	11
QUANDO A MODA FICOU NA MODA — <i>Filomena Silvano</i>	15
A MINHA PRIMEIRA ENTREVISTA — <i>Alexandre Melo</i>	23
REIVINDICAR O PASSADO E ENGENDRAR O FUTURO: AS INTERSECÇÕES ENTRE FEMINISMO E ECOLOGIA EM PORTUGAL — <i>Teresa Castro</i>	31
A COMUNALIDADE PLANETÁRIA DE 'O MUNDO É A NOSSA CASA' (1973) — <i>Manuel Bogalheiro</i>	41
MADRUGADA: O PONTO DE VISTA DA CEGUEIRA — <i>Golgota Anghel</i>	81
COMO SE GERA UMA HETEROGENEIDADE? — <i>José Miranda Justo</i>	89
LOTE 2, FRACÇÃO B, 3.º FRENTE. FRAGMENTO PARA UMA HISTÓRIA POLÍTICA DO VAZIO — <i>Pedro Levi Bismarck</i>	113
A LINGUAGEM MUDA — <i>Afonso Dias Ramos</i>	127
LISTA DE ARTISTAS	155
NOTAS BIOGRÁFICAS — AUTORES	156

UMA IRRUPÇÃO

JOÃO PINHARANDA E SÉRGIO MAH

A exposição *Hoje soube-me a pouco. Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril* abrange quarenta e quatro artistas de diferentes tempos: dos que começaram o seu percurso antes do 25 de Abril — alguns em exílio político ou simplesmente cultural — à geração que despontou depois de 1974 e marcou o panorama da arte portuguesa dos anos 80 até ao final do milénio; incluem-se ainda artistas que se tornaram protagonistas apenas nos anos mais recentes e cujas obras se podem enquadrar em declinações conceptuais, estéticas e poéticas que confirmam o regime democrático como cenário propício à pluralidade de comportamentos e imaginários artísticos.

Certos acontecimentos, pela escala das suas consequências, quase nos dispensam de enunciar as condições e causas prévias justificativas da sua irrupção. E podemos continuar a usar a metáfora vulcânica para falar também das alterações resultantes dessa irrupção, para falar da violência que é o desabar de um mundo e o surgir de um outro; nomeadamente, para assinalar a aceleração dos factos políticos e as suas direcções inesperadas, a radical alteração das realidades sociais, a brutal modificação dos contextos económicos, a profunda transformação da vida cultural.

Se atribuirmos ao 25 de Abril de 1974 esse estatuto, essa dimensão de Acontecimento, podemos sobrevoar os factos da História

sem a evocar como guia, assumindo de que dela não retiraremos lições, antes formularemos ficções, que não listaremos causas e consequências nem procuraremos conexões lógicas, antes iremos explorar o infinito de possibilidades abertas pela data como Acontecimento.

Apenas por esta ordem de razões, num contexto em que o que cívica e politicamente agora mais importa parece ser a evocação da História para que ela «não se repita», esta exposição assume o risco de apresentar os artistas sem outro contexto explícito que o da sua própria obra, deixando aos visitantes a construção dos caminhos para o seu entendimento e a sua apropriação.

Assim se acentuam vias de liberdade ficcional, capazes de reforçar percursos que se podem entender como utopias individuais (irredutíveis a quaisquer denominadores comuns). De facto, a maioria dos artistas escolhidos não só constrói a sua obra de modo autónomo em relação às utopias sociais e políticas inauguradas pelo Acontecimento-25 de Abril, mas rapidamente desfeitas ou paralisadas pelo curso político, como lhes sobrevive, podendo as suas obras ser consideradas como a herança cultural mais fecunda e consistente do próprio processo de abertura democrática da sociedade portuguesa entre 1974 e os dias de hoje.

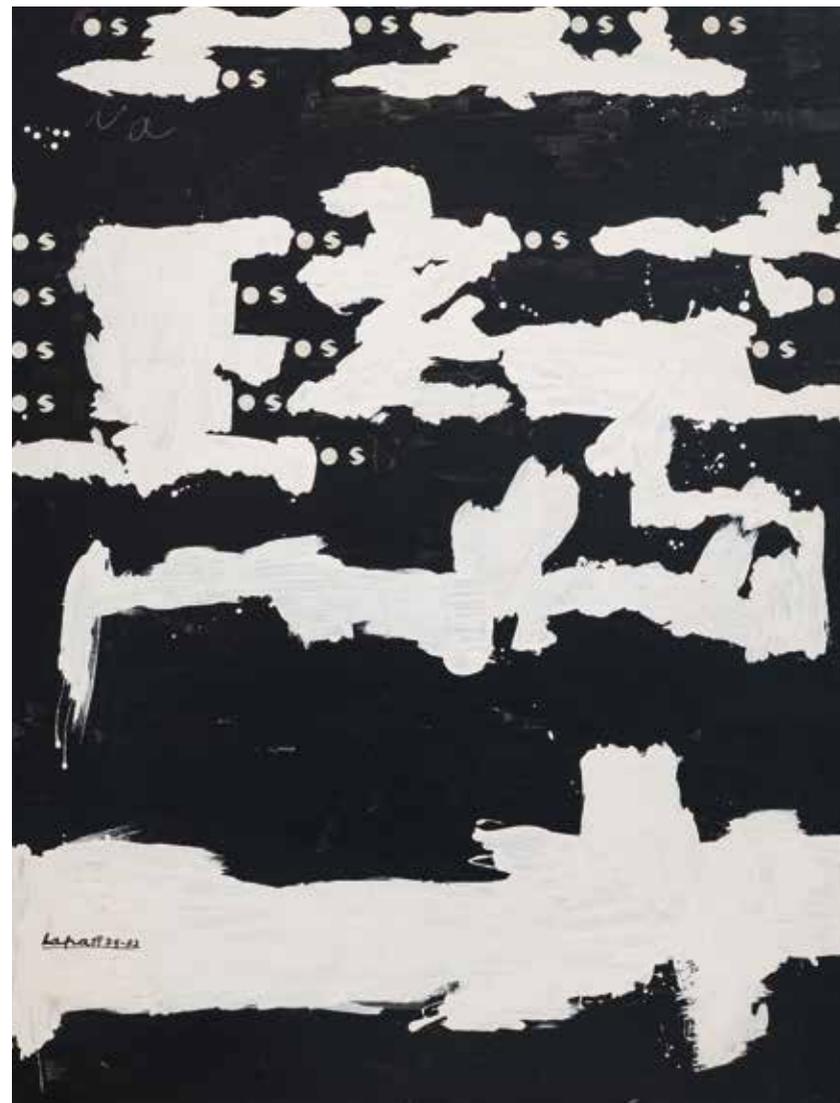
A exposição parte do muito rico fundo da Coleção de Arte da Fundação EDP, ao qual se juntaram peças de outras colecções, privadas e institucionais, e também algumas obras inéditas, resultado ou não de encomendas feitas aos artistas. Nas escolhas foram privilegiadas algumas linhas de força desencadeadas pela transição de uma sociedade fechada e conservadora para uma sociedade aberta e democrática, sem que este novo regime social e político fosse tomado como fim em si ou elemento de estabilização das inquietações dos artistas. Assim, encontraremos nas obras apresentadas sintomas de introversão, expressos através da explicitação das singularidades dos seus autores (pulsões narcísicas, inquietudes exis-

tenciais, emoções extremadas, fantasias ou fantasmas pessoais...) e da capacidade de as afirmar criticamente no espaço comum; a emergência, o regresso ou o reforço e o cruzamento de novas temáticas e de novos imaginários (ficcionais, feministas, ecológicos, decoloniais, de género, especulativos...) que assinalam a inexorável fragmentação dos discursos e o fim de toda a possibilidade de lidar com narrativas unívocas; uma renovada atenção às matérias (temas e materiais) do quotidiano doméstico ou urbano (figuras, situações, lugares, objectos...) e do corpo individual e social (multiplicação dos seus estatutos e modalidades de exteriorização), também uma clara expansão dos procedimentos criativos, mediante a expressão do pendor experimental no uso dos materiais e meios de expressão, frequentemente obtidos através do reforço das práticas de recolção, serialidade ou hibridação das disciplinas artísticas; por fim, no cruzamento do visual e do verbal, destacamos o interesse pelas questões da linguagem que se manifesta (por vezes em simultâneo) através do seu uso eufórico e desregrado ou de uma rigorosa gestão e interrogação dos seus limites, nomeadamente através da adopção de posturas retóricas (como a ironia, a paródia, a alegoria), frequentemente inseridas na própria superfície das obras — esta dimensão acentua o carácter paradoxal da obra de arte no regime democrático na sua relação com a realidade e com o espectador, na sua relação com o próprio autor (ou a sua autoria), com os seus pares e com a história da arte.

O título da exposição cita um verso de uma célebre canção de Sérgio Godinho (*Com um brilhozinho nos olhos*, 1981). Sob o império de uma expressão que se revela como manifestação da dimensão dionisíaca e orgiástica dos desejos, da sua frustração ou da sua satisfação, essa expressão do falar popular conduz-nos a uma leitura de múltiplos sentidos, transferindo a expressão de um desejo revelado na esfera pessoal para a colectiva e regressando depois à esfera individual da criação.



Eduardo Batarda, 1943
Boletim da Intentona, 1974
Aquarela sobre papel; 78 × 59 cm
Col. Manuel de Brito



Álvaro Lapa, 1939–2006
Canção, 1979–1982
Esmalte, platex; 139,5 × 112 cm
Col. Pousada Santa Maria do Bouro – Mosteiro de Amares



Paulo Nozolino, 1955
Ovar, 1976
Impressão em gelatina e prata; 13 × 8,8 cm / cada
Col. do artista

artistas

*Gabriel Abrantes
Helena Almeida
Leonor Antunes
Eduardo Batarida
Maria Beatriz
Sara Bichão
Inês Botelho
Joaquim Bravo
Carlos Bunga
Fernando Calhau
Alberto Carneiro
Pedro Casqueiro
Rosa Carvalho
Rui Chafes
António Dacosta
Armanda Duarte
José Escada
Carla Filipe
Horácio Frutuoso
Gaëtan
Patrícia Garrido*

*Ana Hatherly
Ana Jotta
Álvaro Lapa
José Loureiro
Jorge Martins
Jorge Molder
Paulo Nozolino
Maria José Oliveira
António Palolo
Luísa Correia Pereira
Júlio Pomar
Adriana Proganó
Jorge Queiroz
Paula Rego
Pedro Cabrita Reis
Ana Santos
Julião Sarmiento
António Sena
Ângelo de Sousa
Susanne S. D. Themlitz
Ana Vieira
Xana*

AFONSO DIAS RAMOS

Investigador no Instituto de História da Arte (NOVA FCSH/IN2PAST), professor auxiliar convidado no Departamento de História da Arte da NOVA FCSH e editor associado da *Revista de História da Arte*.

ALEXANDRE MELO

Professor de Sociologia no ISCTE–IUL, curador e crítico de arte.

FILOMENA SILVANO

Antropóloga, professora da NOVA FCSH e membro do CRIA, do IN2PAST e da URMIS/Université Paris Cité.

GOLGONA ANGHEL

Professora no Departamento de Estudos Portugueses da NOVA FCSH e investigadora no IELT — Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

JOÃO PINHARANDA E SÉRGIO MAH

Curadores da exposição *Hoje soube-me a pouco* e respetivamente director e director-adjunto do MAAT — Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia.

JOSÉ MIRANDA JUSTO

Professor associado (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no CFUL — Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Artista plástico.

MANUEL BOGALHEIRO

Professor na Universidade Lusófona e na NOVA FCSH e investigador no CICANT — Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias.

PEDRO LEVI BISMARCK

Editor do *Jornal Punkto*, arquitecto, crítico e ensaísta, investigador no CEAU — Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

TERESA CASTRO

Historiadora das imagens, professora de Estudos Cinematográficos na Université Sorbonne Nouvelle e investigadora no IRCAV — Institut de Recherche sur le le cinéma et l’audiovisuel e no CAK — Centre Alexandre Koyré, histoire des sciences et des techniques.

O livro Hoje soube-me a pouco. Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril é publicado por ocasião da exposição com o mesmo título, apresentada no MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, Lisboa, de 24 de Abril a 26 de Agosto de 2024. A exposição contou com curadoria de João Pinharanda e Sérgio Mah, e produção de Adriane Kampff e Fernando Ribeiro.

Hoje soube-me a pouco. Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril, foi composto em caracteres Old Standard e impresso na Rainho & Neves, sobre papel Coral Book White 120 g e Couchê mate 135 g, no mês de junho de 2024.

